



Revista dos Encontros Literários Moreira Campos

Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará

Ano 1 – N.º 2 – Agosto-Novembro de 2008

<http://encontrosliterarios.ufc.br>

SINCRETISMO: A POESIA DA GERAÇÃO 60 E A DO GRUPO SIN (1968-2008)

Para Nelly Novaes Coelho, quem primeiro falou em Geração 60.

Roberto Pontes¹

O título acima é quase o mesmo da antologia organizada pelo poeta, crítico e professor da UFRJ Pedro Lyra, mas volta sua vista para o Grupo SIN de literatura que, no Ceará, inicia suas atividades no ano de 1968, e integra a já consagrada, tanto na crítica quanto na historiografia literárias, Geração 60, seqüência natural das de 1922, 1930 e 1945, pacificamente aceitas e estudadas a partir de um esforço heurístico bem sucedido de Eduardo Portella e Afrânio Coutinho.

Pois bem, quem primeiro dedicou-se a ler, analisar e publicar estudos sobre a Geração 60 brasileira foi Nelly Novaes Coelho, escrevendo num ensaio pioneiro: “Chamamos de “geração de 60” aos poetas das mais variadas tendências que se revelaram ou afirmaram na década que acaba de findar [o livro de Nelly é de 1971] e que apresentam como denominador comum, a *intensa pesquisa* no sentido do

¹ **ROBERTO PONTES** nasceu em Fortaleza. É poeta, crítico, professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Ceará. Mestre em Literatura Brasileira, doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa PUC/Rio. Atualmente é professor-convidado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e da Fundação Biblioteca Nacional onde ministra, respectivamente, lírica portuguesa e *Oficina de Poesia* do Departamento Nacional do Livro. Publicou: *Contracanto* (Fortaleza: SINedições, 1968), *Lições de Espaço* (Fortaleza: Imprensa Universitária, 1971), *Memória Corporal* (Rio de Janeiro: Edições Antares, 1982) e *Verbo Encarnado* (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996). Em preparo: *Lições de Tempo* e *Os Movimentos de Chronos*. Participa de oito antologias, dentre as quais *SINCRETISMO: A Poesia da Geração 60* (Rio: Topbooks, 1995), organizada por Pedro Lyra, onde figura ao lado de Mário Faustino, Marly de Oliveira, Carlos Nejar, Fernando Py, Ivan Junqueira, Neide Archanjo, Affonso Romano de Sant’Anna, Carlos Felipe Moisés e Adélia Prado, entre outros.

reajustamento da linguagem às solicitações dos novos tempos; e o impulso dinâmico de *integração do homem e da poesia no processo histórico* em desenvolvimento. Incluímos, sob o rótulo “geração 60”, as várias manifestações da poesia experimental (= grupo paulista da POESIA-CONCRETA; grupo mineiro de TENDÊNCIA e o movimento PRAXIS) e certas vozes significativas que se firmaram independentemente de pertencerem ou não a determinados grupos: Mário Faustino, (vitimado num acidente aéreo); Afonso Ávila; Ferreira Gullar; Ida Laura; Hilda Hilst; Renata Pallotini; Stella Carr; Mário Chamie; Walmir Ayala; Marly de Oliveira; Lupe Cotrim Garraude (falecida); Lindolf Bell (idem); Affonso Romano de Sant’Anna; César Leal; Álvaro Pacheco. (Obviamente haverá muitos outros por este imenso Brasil, que desconhecemos e portanto deixamos de assinalar no momento. Outros há que talvez venham a se firmar na linha que apontamos, mas cuja obra – em geral um só livro – é insuficiente para uma avaliação correta” (COELHO, Novaes Nelly. *Carlos Nejar e a “Geração de 60”*). Interessante é notar que Nelly escreveu 188 páginas sobre Carlos Nejar, mas na relação daa não incluiu o nome do poeta gaúcho, hoje membro da Academia Brasileira de Letras.

Depois de Nelly, já em 1995, vem a público a antologia organizada por Pedro Lyra, *SINCRETISMO – A poesia da Geração 60*, coletânea de 628 páginas com a mostra mais completa da Geração 60, precedida de uma “Introdução” de 143 páginas escritas pelo autor, que mapeia, classifica, e analisa o perfil geracional dos autores por ele selecionados.

Partindo dos estudos pioneiros sobre *geração* (os de Ortega y Gasset, Julián Marias, Karl Mannheim) e ainda de outro mais recente assinado por Claudine Attias-Donfut, Pedro Lyra aperfeiçoa e amplia a teoria da “dinâmica das gerações” concebida pelos dois primeiros filósofos citados, desenvolvendo critérios básicos que a norteiam na alentada introdução a preceder os poemas cligidos.

O texto teórico não só confere solidez científica à teoria da “dinâmica das gerações” como propõe igualmente uma nova metodologia para periodizar a história da poesia brasileira – e por conseqüência, de toda a nossa literatura. Fixa a *representação mental* da Geração 60 e define os segmentos dominantes na *mentalidade* desta, a saber: 1) a **tradição discursiva**; 2) o **semiotismo vanguardista**; 3) a **variante alternativa**, indo além do estudo de Nelly Novaes Coelho.

Na mencionada introdução Pedro Lyra faz ver a superficialidade, daí a má vontade e, até mesmo o preconceito com que sempre se falou em *geração* no Brasil. Inventaria o caos terminológico no qual está envolto o termo, empregado sem rigor conceitual por poetas, jornalistas, professores de literatura, críticos e historiadores.

À página 25 o autor nos dá seu conceito de *geração*. A seguir, considera o fato biológico da reprodução humana, o qual em média ocorre por volta dos vinte anos, como base definitiva das cinco etapas vitais escalonadas biológica e existencialmente, se não, vejamos: **adolescência** – até em torno dos 20 anos; **juventude** – daí em torno dos 40; **maturidade** – daí em torno dos 60; **velhice** – daí em torno dos 80; **senectude** – daí até a morte.

Esta série será desdobrada noutra, a nos permitir entender como as gerações, no cumprimento de suas etapas vitais vão ganhando experiência, assumindo papéis e funções próprias de cada faixa etária, ou seja, desenvolvendo “sucessivos estágios existenciais dos indivíduos na geração e das gerações na história”. São os seguintes: **Nascimento**: período dentro do qual nascem todos os seus integrantes; **estréia**: período posterior a faixa de nascimento, dentro do qual seus integrantes entram na cena histórica; **vigência**: período após a faixa de estréia, dentro do qual a geração define a sua fisionomia; **confirmação**: período após a faixa de vigência, do qual a geração ainda dispõe para o cumprimento da sua tarefa; **retirada**: período após a faixa de confirmação, no qual as gerações começam a morrer.

Aprofundando mais ainda a construção teórica e partindo das cinco gerações biológicas, Pedro Lyra faz corresponder a estas *cinco gerações literárias* coexistentes em qualquer tempo histórico, sabidamente: a) A **emergente**: dos que ainda realizam o aprendizado, descobrindo a própria vocação – *na faixa de nascimento*; b) **Nova**: dos que começaram a entrar em cena, introduzindo novidades de tema, forma, linguagem – *na faixa de estréia*; c) **Dominante**: dos que se encontram no centro da referência literária do momento – *em plena faixa de vigência*; d) **Clássica**: dos que estão rematando a sua obra, já se incorporando à história – *na faixa da confirmação*; e) **Canônica**: dos que já encerraram a tarefa e cumprem o resto de vida que lhes cabe – *na faixa da retirada*.

A próxima tarefa do autor é determinar o espaço da Geração 60 na poesia brasileira. Tomando o conceito orteguiano de *geração decisiva*, firma a geração inicial da nossa poesia moderna em 1922, do mesmo modo que Afrânio Coutinho e Eduardo Portella, dizendo: “Na história da poesia brasileira, ninguém discorda: esta é a chamada

‘Geração de 22’, pela radical transformação de nossa cultura. A sua faixa de estréia situa-se na década de 20”. Faz então prova do que afirma com nomes, datas e obras. No prosseguimento da escala, diz o ensaísta: “a seguinte será a chamada ‘Geração de 45’, estabelecida 20 anos para a frente, portanto com faixa de nascimento entre 1915-35, de estréia entre 1935-55, de vigência entre 1955-75, de confirmação entre 1975-95, retirada a partir daí”. E continua o seu raciocínio, agora com respeito à Geração 60, após registrar a importância do trabalho de Nelly Novaes Coelho (São Paulo: Saraiva, 1971, p. 170), quanto à fixação do conceito de Geração 60: “Se essa escala é correta – e todos os fatos a comprovam – a Geração 60 se definirá dentro dos seguintes parâmetros históricos: “1) Faixa geracional de nascimento: 1935-55; 2) De estréia: 1955-75; 3) De vigência: 1975-95; 4) De confirmação: 1995-2015; 5) De retirada: 2015...”.

Pedro Lyra, portanto, escudado na tradição teórica geracional, na produção poética brasileira que espelha uma *liguagem/mentalidade*, e em reflexão sócio-histórica efetivada sobre a realidade nacional, desenvolve uma proposta de reescrita da história da nossa poesia mais recente. Oferece instrumentos valiosos para uma nova periodização, um conceito preciso e uma terminologia bem definida, além de um *referencial da mentalidade* dominante na Geração 60, sem perder de vista as ligações estruturais da representação mental com as nossas formações sociais.

A reescrita da história da poesia brasileira pode seguir esse caminho, mas sem cair nos velhos vícios historiográficos. E a mesma via é válida para a revisão da história da literatura brasileira.

Mas, valerá a pena uma abordagem geracional de nossa poesia? E a Geração 60 terá importância, do ponto de vista histórico? E do estético?

Ora, as duas primeiras indagações estão respondidas no próprio estudo introdutório, afirmativamente. Quanto à terceira, tomemos o livro de Orídes Fontela, *Teia* (São Paulo: Geração Editorial, 1996), um único exemplo para dizer do nível geral da antologia.

São cinquenta e cinco poemas organizados em seis partes: *Fala* (9 textos), *Axiomas* (9), *O Anti-Pássaro* (9), *Galo* (6), *Figuras* (11) e *Vésper* (10).

Poesia essencialmente enxuta, construída com palavras “reais, fundamentais”, também chamadas *semantemas*: o substantivo, o adjetivo, o verbo e, por vezes, o advérbio, o numeral e o pronome, segundo lição do eminente lingüista M. Rodrigues Lapa. As restantes são consideradas instrumentos gramaticais.

Pois exatamente com as primeiras (essenciais) se constrói o discurso apurado de Orides Fontela. Seus poemas são despídos de tudo o que pode ser considerado acessório e dispensável em poesia. Sua busca é, sobretudo, a da condensação, pois sabe ela que o ser só pode revelar-se na mediação mínima da linguagem. Exemplo dessa contenção, dessa economia discursiva, e marca personalíssima da autora, vem a ser “Vôo”. Esse poema se corporifica a partir de uma seleção léxica de apenas seis palavras; tem duas estrofes, é certo, mas a segunda já é arranjo outro dos mesmos vocábulos, numa evidente assimilação aplicada das lições de Roman Jakobson referentes aos eixos de seleção (léxico) e de combinação (sintaxe) em poesia. Proposital ou não, o processo utilizado por Orides Fontela é o mesmo teorizado por Jakobson. Ao selecionar e combinar palavras a poeta lança mão das possibilidades imanentes a estas, em especial das semânticas, concretizadas na inversão de sentido que obtém. O poema em questão é: “Ter / asas / é não ter / cérebro // ter/ cérebro/ é não ter/ asas.” (p.28).

Poesia epigramática. Evidente. – E daí? Antes assim, melhor assim, pois remergulhar as fontes gregas com força proverbial fica para poucos. Entenderemos isso ao ler *Carta*: “Da / vida / não se espera resposta.” (p.32), ou *Mão Única*: “é proibido / voltar atrás / e chorar.”(p.33).

Se fizermos uma mais demorada e atenta leitura de *Teia* para identificar o repertório léxico mínimo saído das mãos de Orides Fontela, veremos os vocábulos explodindo em ricas combinações e como eles se põem nos tênues limites a separarem o dizer tudo do nada dizer, com visível triunfo do primeiro, restando o segundo modo àqueles que não dispõem de seus recursos técnicos expressivos. O poema *Eros II* : “O amor não / vê // o amor não/ ouve // o amor não / age // o amor / não.” (p.46) demonstra muito bem esses recursos: composto por quatro dísticos, nos três primeiros a autora substitui apenas os verbos; no último, o advérbio de negação passa a desempenhar o papel do verbo bruscamente suprimido. O dístico final, portanto, nomeia tão exata quanto metaforicamente a intransitividade de certo amor.

O dizer tudo de Orides Fontela não se importa com a seleção mínima lexical. Basta ler *Exemplos*: “Platão / fixando as formas // Heráclito / cultuando o fogo // Sócrates / fiel ao seu Daimon.” (p.16), para avaliar o poder de síntese da autora relativo a extenso capítulo da cultura humana, a Filosofia dos antigos, a implicar na geração de seguidos campos semânticos bem no centro da sensibilidade e da inteligência do leitor. O poema está organizado numa estrutura mínima: nomeação de filósofos fundamentais,

seguida de modos e símbolos que lhes são característicos. O primeiro a trabalhar as formas (leia-se o Idealismo filosófico), tentando sua fixação arquetípica; o segundo destacado pelo elemento plasmador de sua Teogonia a infundir vida em tudo; o terceiro, evocado pela fidelidade ao Daimon (*Tô Daimon* era o nome pelo qual Sócrates chamava seu gênio ou o espírito existente dentro de si). A estrutura sintática dos enunciados é a mesma e o poema pode ser lido como série ternária de substituições, em cujas pouquíssimas palavras há ricos campos semânticos. Basta atentar no título do poema o qual, na ambigüidade característica da poesia, tanto pode ser um indicativo para os leitores quanto uma demonstração pública dos valores da autora. Examinemos esta última hipótese. Fixar normas é o trabalho platônico, mas a poeta também faz o mesmo; cultivar o fogo na perspectiva de Heráclito é modelar a vida, ofício também de Orídes Fontela; ser fiel ao *Daimon* – aí está um compromisso e outro lema programático comuns ao filósofo e a ela também. Portanto, o poema é um programa indicativo dos paradigmas de uma poética pessoal.

Sob o império da seleção mínima e da combinação máxima, flui a poesia em *Teia*. Podemos ler isto em *Cartilha*: “Foi de poesia / lição / primeira: // “a arara morreu // na // aroeira” (p. 17). Melhor exemplo de poema-minuto – espécie tão valorizada pelos de 1922 – não pode haver. E neste, o amálgama da memória com o cotidiano, rematada com uma aliteração bem conseguida, em tudo demonstrando a habilidade técnica dessa poeta da Geração 60.

Em *Adivinha*: “O que é impalpável / mas / pesa // o que é sem rosto / mas / fere // o que é invisível / mas dói.”(p.42) – nos defrontamos com uma formulação verbal que pouco se importa com as recomendações poéticas aristotélicas. Sabe-se ter o filósofo grego considerado excelente a linguagem clara, mas não chã, condenando veementemente o acúmulo metafórico predisposto a se converter em *enigma*. Ora, *Adivinha* é um poema a contradizer o preceito aristotélico, mas põe em prática o inefável, o lúdico, o sugestivo, o cabalístico, tão caros ao projeto da modernidade. Assim, sob a mais precisa concisão e numa procura constante de simetria, se perfaz o trabalho poético de Orídes Fontela em *Teia*.

Do ponto de vista estético, o pouco aqui escrito sobre o último livro dessa autora precocemente desaparecida, que primava pela essencialidade verbal e deslumbrou a exigência crítica de Antonio Candido, talvez seja suficiente para dar idéia da excelência poética contida em *SINCRETISMO: A Poesia da Geração 60*.

Mário Faustino, Lupe Cotrim Garraude, Lélia Coelho Frota, Marly de Oliveira, Fernando Mendes Vianna, Nauro Machado, Cláudio Murilo, Carlos Nejar, Carlos Felipe Moisés, Fernando Py, Lindolf Bell, Astrid Cabral, Rubens R. Torres Filho, Ivan Junqueira, Myriam Fraga, Mauro Gama, João Manuel Simões, João de Jesus Paes Loureiro, Neide Archanjo, Cláudio Willer, Affonso Romano de Sant'Anna, Antônio Brasileiro, Sérgio de Castro Pinto, Gabriel Nascente, Armindo Trevisan, Horácio Dídimo, Linhares Filho, Ildásio Tavares, Marcus Accioly, Orides Fontela, Olga Savary, Adão Ventura, Terêza Tenório, Anderson Braga Horta, Elizabeth Veiga, Brasigóis Felício, Reynaldo Valinho Alvarez, Ruy Espinheira Filho, Elizabeth Hazim, Carlos Augusto Corrêa, Adélia Prado, Oswald Barroso, Adriano Espínola e Carlos Lima são os quarenta e quatro nomes, dos quarenta e cinco integrantes de *SINCRETISMO: A Poesia da Geração 60* que contempla autores quase todos estados brasileiros. O nome excluído, naturalmente, é o meu, por uma questão ética. E o que penso não ser justo excluir, só por ter sido o organizador e apresentador do volume, é o de Pedro Lyra, reconhecido poeta e crítico, por todos os leitores de seus trabalhos.

Pode alguém pensar diferente – e é até salutar assim seja –, mas não há como negar serem os nomes referidos os melhores de hoje no segmento da poesia discursiva brasileira. É preciso ficar bem claro que a nossa poesia não estaciona em João Cabral, Ferreira Gullar, nem Manoel de Barros. Na produção coletiva surgida simultaneamente na maior parte dos estados do Brasil, é notória a consciência de todos os processos poéticos anteriores e posteriores à Semana de Arte de 1922, enriquecendo, sobremaneira, aquela por aqui praticada, a despeito de outra a correr paralela, dando-se ao luxo de trocar o compromisso com a humanidade e a técnica do verso pela linguagem tatibitate e a inversão de valores, com flagrante prevalência da performance sobre a obra, quando não pretende a abolição total do verso. Refiro-me especificamente à ação nefasta desenvolvida pelo grupo paulista do chamado *poema concreto*, do intitulado *poema processo* também da dos conhecidos por *marginais* e ainda à daqueles que confundem poesia com *ação performática*. Estes grupos propuseram a substituição da palavra, do verso, da sintaxe escrita, do estrato sonoro e verbal do poema por sucedâneos estranhos à própria natureza do poema, e quando trabalharam com a palavra, deram ao público produtos irrisórios.

A Geração 60 brasileira do Ceará figura ao lado dos melhores nomes de expressão nacional e surge concomitantemente com os representantes dessa geração em

Recife e João Pessoa. Na capital pernambucana os autores se intitulam da Geração 65, mas pelo arcabouço analítico de Pedro Lyra, enquadram-se, como luva, no escopo da Geração 60. Em 1995, mesmo ano da publicação da coletânea de Pedro Lyra, editou-se *Treze Poetas: da Geração 65: 30 anos* (Recife: FUNDARPE/Secretaria de Turismo, 1995), em cujas páginas figuram os seguintes poetas: Alberto da Cunha Melo, Almir Castro Barros, Ângelo Monteiro, Jaci Bezerra, Janice Japiassú, José Mário Rodrigues, Lucila Nogueira, Luiz Carlos Duarte, Maria de Lourdes Hortas, Marco Pólo Guimarães, Marcus Accioly, Severino Filgueiras e Tereza Tenório. Esta coletânea conta ainda com a participação especial de César Leal, cearense, mas radicado em definitivo em Pernambuco, responsável pelo lançamento da maior parte dos autores compendiados. Vale lembrar figurarem Marcus Accioly e Tereza Tenório na antologia organizada por Pedro Lyra, mas lá poderiam estar muitos outros nomes, como os de Lucila Nogueira, altíssima voz poética, ou do saudoso Alberto da Cunha Lima.

Em 1979, organizada por Sérgio de Castro Pinto, excelente poeta e crítico, também incluído em *SINCRETISMO – A Poesia da Geração 60*, vem a público a *Antologia Poética do Grupo Sanhauá* (João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979), reunindo trabalhos de Marcos dos Anjos, Marcos Tavares, Marcus Vinícius e Sérgio de Castro Pinto. A estes, como ressalta Hildeberto Barbosa Filho em *Sanhauá: Uma ponte para a modernidade* (João Pessoa: Edições FUNESC, 1989), se associa, “en passant”, Anco Márcio, nomes os quais constituem a Geração 60 da Paraíba.

Nas páginas do livro de Hildeberto lemos: “Foram de crise os anos 60. Crise no plano econômico, político e cultural. O Brasil passava por intensas modificações. O calor desenvolvimentista do governo Kubitschek pôs em ebulição a sanha do capitalismo monopolista, aumentando, assim, a dependência de nossa economia em relação a dos países desenvolvidos, especialmente, os Estados Unidos. Por outro lado, intensificava-se a crise do Populismo, na medida em que suas promessas políticas paulatinamente tornavam-se inviáveis à satisfação das expectativas populares que, a seu turno, eram cada vez mais crescentes. O debate cultural era amplo e plurifacetário, dado o espaço que se criou para a real participação das massas. E, se na órbita política esta inclinação democrática da sociedade brasileira se viu, de repente, tolhida pela brutalidade do golpe de 64, o mesmo não aconteceu no plano cultural. Como se sabe, somente por ocasião do segundo golpe, o de 68, fecha-se o cerco sobre a criatividade de artistas e intelectuais de todo o país. Daí, a razão pela qual se estendeu a discussão, nos meios intelectuais,

por mais quatro anos. Como a palavra poética reagiu a tudo isto?” (FILHO, Hildeberto Barbosa, op. cit. p. 35).

Esta pergunta de Hildeberto, poeta sensível e crítico arguto paraibano, pode ser respondida já na perspectiva do processo histórico vivido pelo Grupo SIN de literatura no Ceará. Surge este agrupamento em Fortaleza, no conturbado 1968, e encerra suas atividades nesse mesmo ano. A propósito, vale transcrever aqui as palavras de Adriano Espínola constantes da apresentação intitulada “Uma Geração entre o SIN e o Não”, escrita para o “Número comemorativo dos 25 anos de fundação do Grupo SIN” da *Revista de Letras* (Fortaleza: UFC/Departamento de Letras, v. 15, Nº 1/8, Jan./1990-Dez./1993): “Apesar de sua existência brevíssima – de apenas um ano, exatamente durante o famigerado 1968 – o grupo só teve tempo de publicar uma *Sinantologia* (Fortaleza: SINedições/Imprensa Universitária UFC, 1998), mas parece que – por terem vivido um momento de tão grande ebulição política e cultural – as baterias ficaram carregadas até hoje. Daí o volume da produção. É bom que se diga, entretanto, que o SIN logo se dissolveu devido, por um lado, às discordâncias ideológicas de seus membros e, por outro, à repressão e perseguição que se seguiram após a ditadura militar editar o sinistro AI-5. A partir daí, como se sabe, todo e qualquer agrupamento político, cultural ou literário tornou-se suspeito em potencial. Perigoso. O alvo dos militares era acabar com a cultura do País, silenciar os incômodos intelectuais, artistas e críticos do regime. Amordaçar a palavra, sufocar a criatividade, baixar o cacete na moçada mais rebelde e subversiva” (ESPÍNOLA, Adriano, op. cit. p.10). Na verdade o Grupo SIN publicou duas *miniSinantologias*, a *SINantologia*, e alguns livros com o sintete SINedições, hoje, documentos raros.

Ora, o quadro geral realmente foi o pintado, porém o estopim da ruptura, logo após a saída do Grupo SIN da casca do ovo, foi a solicitação de Oscar Niemeyer, Antonio Candido, Glauber Rocha, Nelson Werneck Sodré, Chico Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro, encaminhada ao SIN por intermédio de Glauce Rocha e B. de Paiva, a fim de subscrevermos o histórico *Manifesto dos Intelectuais Brasileiros contra a Censura*. Levado ao grupo o pedido dos ilustres nomes citados, parte se dispôs e outra se negou a assinar o texto de repúdio às arbitrariedades cometidas contra dramaturgos, editores, escritores, compositores populares e contra qualquer manifestação contestatória do regime através das artes. Foi este o real motivo causador do impasse que abortou as atividades do Grupo SIN de literatura no Ceará.

Entretanto, como ressaltou o apresentador antes citado, os integrantes do SIN continuaram a se freqüentar e relacionar sem maiores empecilhos, e hoje espantam os interessados em literatura quando estes tomam conhecimento da vasta produção dada a público por cada um deles, sem falar da qualidade acrescida ao processo literário local e brasileiro.

Já tive oportunidade de escrever sobre a poesia de Horácio Dídimo, Pedro Lyra, Leão Júnior e Barros Pinho. Não consegui ainda abordar a obra dos demais companheiros de geração, e a esta altura isso é indesculpável. Contudo, já li tudo o que escreveram e sei da excelência da poesia de Rogério Bessa, Linhares Filho e Inez Figueredo. Infelizmente, Barroso Gomes foi precocemente vitimado num desastre automobilístico (1985), Leda Maria passou a dedicar-se mais ao jornalismo social na imprensa cearense, Rogério Franklin de Lima radicou-se no Rio de Janeiro convertendo-se em próspero empreendedor imobiliário e Sânzio de Azevedo, presente nas páginas da publicação dos 25 anos do Grupo SIN, não se considera hoje um de seus integrantes.

Neste passo, faz-se necessário acrescentar ter o núcleo original do Grupo SIN mantido em torno de si outros escritores hoje muito bem situados no panorama da nossa literatura, sendo este o caso de Carlos Alberto Bessa, que reuniu toda a sua produção poética no livro *Poética Efêmera: Poemas Reunidos* (Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2006), no qual a técnica epigramática e a experimentação vanguardista formal são as tônicas. A este autor, que em 1968 tinha 16 anos de idade, acrescentamos o de Marly Vasconcelos, cuja estréia se dá com *Água Insone* (Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1973). Prosseguindo seu percurso poético esta autora nos deu *Cãtygua Proença* (Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1985), *Sala de Retratos* (Fortaleza: Coleção Alagadiço Novo, 1998) e *Azul-Cobalto* (Recife: Edições Bagaço, 2002). A poesia de Marly é da melhor extração e não pode passar despercebida. Além desses livros publicou ela ainda um romance, *Coração de Areia*, Prêmio Graciliano Ramos da União Brasileira de Escritores, seção do Rio de Janeiro, 1989. Eduardo Fontes do mesmo modo mantinha relações de amizade e vínculos literários com o Grupo SIN, sendo ele autor de *O Alpinista* e de outros livros de poemas e crônicas, pois é jornalista militante. Belchior, o renomado artista do grupo de compositores, músicos e cantores, conhecido como Pessoal do Ceará, também ensaiou ingressar no Grupo SIN, mas logo veio a

dedicar-se mais à música e à pintura do que à literatura, tal qual também o fez Petrúcio Maia, outro brilhante compositor prematuramente desaparecido que priorizou a música.

E por falar em pintura, as artes do pincel estiveram, tal qual no Modernismo de 1922, associadas à literatura. Um bom número de desenhistas, pintores e artistas gráficos esteve ao lado do Grupo SIN, a exemplo de: Alberto Capelo (arquiteto), Sérgio Lima (Prêmio Salão Petrobras, geometrista abstrato e ecológico), José Tarcísio (Prêmio Bienal de São Paulo, introdutor da pintura em bastidores de bordar), Alberon (abstracionista de pinceladas inquietantes), Descartes Gadelha (nome ímpar da pintura realista brasileira de denúncia), Ana e Paulo Brandão (o casal das irrepreensíveis ilustrações eróticas de *Memória Corporal*), Hermínio (o Mino dos quadrinhos, que Ziraldo não conseguiu seduzir mesmo ao prometer-lhe a vitrine do Rio de Janeiro), Tarcísio Garcia (dono de finíssimo traço e retratista exímio), Amaral, Normanda, Audifax (o homem dos murais e painéis onde pulsa a alma do povo), Caetano (arquiteto), Fausto Nilo e Ricardo Bezerra (arquitetos e compositores do Pessoal do Ceará), todos, nomes de peso nas artes visuais, realizaram capas, ilustrações e programações gráficas para os livros editados pela Geração 60 no Ceará. Estas considerações mostram a amplitude do relacionamento intelectual e a interdisciplinaridade do Grupo SIN em seu nascedouro e em sua ação posterior.

Mas cabe agora indagar sobre o perfil do Grupo SIN. O nome que lhe foi dado deriva de *sincretismo*, palavra derivada do étimo grego (*synkretismos*), a qual, consoante a lição de Caldas Aulete, vem a ser: “Sistema filosófico que consiste em combinar as opiniões e os princípios de diversas escolas. // Mistura de opiniões combinadas para formar um sistema misto; ecletismo”.

Os integrantes do grupo ora examinado, usaram o prefixo SIN, em maiúsculas mesmo, para causar impacto paronomásico com a palavra homógrafa existente no idioma inglês ou com o advérbio vernáculo *sim*, afirmativo de afirmação, aprovação, consentimento. Mas não podemos nos esquecer que *sincretismo*, para os do Grupo SIN, passou a significar semanticamente reunião de várias posições estéticas, de variados procedimentos criativos, de múltiplos estilos, de diversificadas posições políticas e ideológicas, de variegada assimilação dos fazeres poéticos anteriores, tudo isso, reunido no trabalho de cada escritor surgido, de fato, para as literaturas cearense e brasileira no ano de 1968. E esta postura, comum aos integrantes da geração literária brasileira de 60,

e naturalmente aos do SIN, os converte em habilidosos construtores do poema, em igualdade de condições com os melhores poetas de todos os tempos.

Os gêneros cultivados pelos integrantes do SIN vão além da poesia. Também foram preocupação dos autores do SIN a crítica e o ensaio. E se a poesia deu substância à lírica cearense, até então somente bem realizada por Juvenal Galeno, José Albano, Mário da Silveira, Jäder de Carvalho, Padre Antônio Tomás, Antônio Girão Barroso, Aluisio Medeiros, José Alcides Pinto e Francisco Carvalho, a crítica e o ensaio saíram do impressionismo em que vegetam, ganhando fundamentação teórica e foro de atividade científica, pois vasta produção de artigos, resenhas, prefácios, introduções, comunicações, monografias, ensaios, críticas e estabelecimentos de textos, com base na formação universitária, está por inventariar, sendo esta ótima sugestão para os estudantes de pós-graduação e pesquisadores literários. Também há livros de contos, romances e crônicas a serem lidos e examinados criticamente. Até mesmo três teorias foram concebidas pelos integrantes do Grupo SIN: a *Teoria da Latência Sensual* desenvolvida por Linhares Filho; a *Teoria do Poema* arquitetada por Pedro Lyra; e a *Teoria da Residualidade Cultural e Literária* concebida por Roberto Pontes.

Balanço final. A poesia do Ceará foi consolidada pelo Grupo SIN, dada a consciência operacional dos meios de construção do poema, como até então não havia ocorrido - à parte as exceções referidas linhas antes. Hoje há nomes de expressão nacional e até internacional, entre os integrantes do Grupo SIN, os quais já tiveram textos traduzidos para os seguintes idiomas: francês, inglês, esperanto, espanhol, galego e russo, entre outros. Já foram lançados mais de 80 livros, computados todos os gêneros. Os integrantes do SIN foram laureados com importantes prêmios literários nacionais e distinguidos com inúmeros reconhecimentos institucionais da área literária. A grande maioria dos membros do SIN participa de órgãos colegiados de natureza literária (academias de letras, sindicatos de escritores, PEN Clube, UBE, Mesa Diretiva da Junta Mundial da Poesia em Defesa da Humanidade etc.). Não se pode ficar de fora deste balanço o registro de constarem nomes da Geração 60, inclusive, do Grupo SIN, na *História da Literatura Brasileira* (Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar, 1997), da conceituada autora italiana, publicada no Brasil, em Portugal, na Espanha, França e Itália. E o fazemos porque este é um reconhecimento de magna importância tanto para a Geração 60 quanto para o Grupo SIN. A notória historiadora da literatura menciona e informa sobre os seguintes autores: Mário Faustino, Affonso Romano de Sant'Anna,

Fernando Mendes Vianna, Nauro Machado, Cláudio Murilo, Carlos Nejar, Fernando Py, Ivan Junqueira, Armindo Trevisan, Carlos Felipe Moisés, Ruy Espinheira Filho, Marcus Accioly, Cláudio Willer, Rubens Rodrigues Torres Filho, Pedro Lyra e Roberto Pontes. Tão importante quanto este é o registro dos nomes dos autores do Grupo SIN na obra de referência *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (Org. Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa; São Paulo: Global Editora, 2002), guia para o Brasil e os demais países do nosso processo literário.

O Grupo SIN também conseguiu ultrapassar a barreira do sistema editorial brasileiro ao publicar suas produções em âmbito nacional. Basta alinhar algumas das publicadoras para termos idéia da superação do provincianismo conseguida: Sette Letras (RJ), Antares (RJ), ToopBooks (RJ), Vozes (Petrópolis), Tempo Brasileiro (RJ), Philobiblion (RJ), Edições UFC (CE), Cátedra (RJ), Galo Branco (RJ), Global Editora (SP), Oficina do Autor (RJ), Ática (SP), Limiar (Porto).

Quanto ao pronunciamento da crítica brasileira sobre a qualidade das obras dos integrantes do Grupo SIN, basta ler o que a respeito disseram Lucia Helena (RJ), Antonio Houaiss (RJ), Eduardo Portella (RJ), Moacyr Félix de Sousa (RJ), Anazildo Vasconcelos (RJ), Maria do Amparo Tavares Maleval (RJ), Rodrigo Marques (CE), Dimas Macedo (CE), Batista de Lima (CE), Pedro Lyra (RJ), Sânzio de Azevedo (CE), Hildeberto Barbosa Filho (PB), Elizabeth Dias Martins (CE), Paulo Mosânio (CE), Wilson Martins (SP), Anne-Marie Quint (França), Carlos d'Alge (CE), Charles Perrone (EUA), Luciana Stegagno Picchio (Itália), Assis Brasil (RJ), Luiz F. Papi (MG), Carlos Drummond de Andrade (MG), Gilberto Mendonça Teles (RJ), F. S. Nascimento (CE), Angel Zuazo (Cuba), Roberto Pontes (CE), Alamir Aquino (Londrina), José Hélder de Souza (Brasília), José Alcides Pinto (CE), Reynaldo Valinho Alvarez (RJ), Fernando Py (Petrópolis), e muitos outros nomes impossíveis de declinar agora. Bastam os autores enumerados para dar idéia de como a recepção da literatura do Grupo SIN ultrapassou as fronteiras da província.

Por fim, cabe anunciar a edição da antologia da década de 1960, a sair em 2009, pela Editora Global, de São Paulo, organizada por Pedro Lyra, na qual figuram os integrantes do SIN. Cabe informar que esta coletânea faz parte de uma série de volumes referentes a todos os períodos literários brasileiros, sendo o século XX coberto por recolhas de cada década. Portanto, a editora se propõe a realizar um mapeamento amplo enquanto rigoroso.

Este retrospecto indica haver o Grupo SIN de Literatura superado os limites de uma produção e de uma circulação provinciana, pois conseguiu inserir nomes de realce no sistema literário nacional. Como se sabe, o conceito de sistema literário, conforme Jacques Dubois em *L'institutions de la littérature* (Bruxelas: Nathan/Labor, 1978), compreende um conjunto significativo de textos inventivos, de leitores, de críticos, de professores, de prêmios, de editoras e outras componentes da produção, circulação e funcionamento das entidades, valores e objetos considerados literários. A revisão desses 40 anos agora comemorados mostra claramente que o Grupo SIN conquistou seu lugar no sistema literário brasileiro.

Pois bem, com o sentimento de haveremos contribuído enormemente para uma mudança de rumo nas literaturas cearense e brasileira, reafirmamos, nestes 40 anos de Grupo SIN, digo isso em particular, mas posso assegurar pelos demais companheiros, que continuaremos, até o último suspiro, a trabalhar, a editar, a produzir arte, a fim de que a literatura do nosso Estado e do Brasil possam ter sangue estético em suas veias, porque sabemos não haver lugar para o retrocesso; porque cremos no poder da diversidade na unidade; porque temos certeza de ser a literatura um instrumento de construção do mundo, porque no *sincretismo* a própria essência da cultura fraterna capaz de soldar a solidariedade entre os povos de Língua Portuguesa e todos os demais da Terra!

Parabéns a vocês, leitores de agora! Parabéns a vocês, companheiros do Grupo SIN!